

## Cassandra

O Boiorroroso existe a cada passo. Faz parte do nosso quotidiano. É engenheiro, dentista, taxista, professor, padeiro, pasteleiro, jornalista, bombardeiro, caçador. Vejo-o acompanhado da esposa, a Boiorrorosa, a cada passo. Ela é médica, operária, desempregada, dona de casa, é mulher de bem, uma “Senhora”, ou “porta-se mal”, como parece que se dizia na aldeia dos meus avós. Não entendi nunca porque se dizem umas palavras nos funerais, sobre aqueles que vamos enterrar! Se tiveram uma vida conforme desejavam, melhor assim, não há nada a dizer; se fizeram coisas tenebrosas, indecorosas, para quê falar delas, agora que morreram? Também costumo dizer que é menos demorada a cerimónia fúnebre que o casamento, sou muito censurado por isso. Mas é verdade, pelo menos para mim, que sou um Boiorroroso! Os funerais duram menos tempo, não há danças nem comezainas, são espaços de “comedimento”. Os casamentos são espaços de “manifestação”, de abuso de um contentamento pelos outros, normalmente acontecimentos que se realizam nos mais distantes lugares, durante infíndas horas de alegria geral. Aquele taxista que logo ao entrarmos nos lança umas palavras iracundas, perguntando: “não gosta do meu carro, porquê?”; a médica que nos faz sentar numa poltrona ridícula e se sente enfasiada se pedimos explicações, como se estivéssemos a querer fazê-la regredir freudianamente aos tempos da Faculdade, o pasteleiro que cospe na massa, a dona de casa que policia o prédio todo e os dos vizinhos, que sabe os nomes da Titinha, a namorada do Cali, “está a ver, o irmão do Calali, aquele ali, filho do Dr. Califórnia?” Não gosto de policiar ninguém, não me identifico com estas criaturas. Nietzsche, homem de nome quase impossível de escrever, considerou na “Origem da Tragédia” ter havido, na cultura grega, o princípio Apolíneo, que simboliza a serenidade, a claridade, a medida, a razão, princípio esse que se oporia ao Dionisíaco, que simboliza os impulsos, o excesso, o erotismo, a orgia. Sócrates e Platão teriam sintetizado o princípio Apolíneo e reprimido o Dionisíaco. Disso seríamos nós todos vítimas, pois da Grécia nos vêm as raízes cerebrais! O Super-Homem, dizia Nietzsche, devia guiar-se pela força, os impulsos vitais, a Guerra! Estarias enganado, ou fizeste de propósito? Acho que sim... Criaste a mentalidade dos “Boiorrorosos”, nada mais. Porque nada na Grécia era linear. Cassandra era filha de Príamo, rei de Tróia, e previa o futuro. Apolo transmitiu-lhe essa capacidade, mas pretendia fazer amor com ela, ter um filho dela. Cassandra teve medo, e Apolo, que como os outros deuses gregos não era bom nem mau, era como nós, condenou-a à previsão do futuro, mas também a que ninguém acreditasse nela. Apolo, ao contrário do que Nietzsche escreveu, era também Dionisíaco. A princesa troiana tudo previa e de nada adiantava, até que Príamo a mandou prender. Quando Tróia foi conquistada, Ajax violou Cassandra, mais tarde feita amante de Agamémnon, rei dos gregos. Cassandra previu que Clímenestra,

mulher de Agamémnon, os mataria, e teve razão. Esta Cassandra fez-me lembrar o e-mail de um “Antigo Professor”, que os Boirrorrosos sem rosto que nos enchem a vida modificaram sem remissão. São eles os “Super-Homens” paridos pelo tresloucado Nietzsche. Transformaram-lhe o e-mail em “Casandra”, um nome sem sentido nenhum! Já sabemos que vai ser sempre assim. Como Cassandra, sabemos que saber o futuro não significa ser capaz de o alterar.

Carlos Mota